

1

Com licença — eu tive um avô americano. Chamava-se Opkinson, mas durante a infância chamei-lhe sempre Óbinsão, ou uma caterva de nomes inverosímeis, palavras inglesas que eu adaptava conforme podia. O meu avô recusou-se a aprender português, mesmo depois de passar cá anos inteiros, ninguém sabe com que funções militares ao certo. Creio que chegou a general, mas acabei por conhecê-lo pouco. Os amigos da minha mãe não falavam inglês, que definiam como língua bárbara. Assim, o meu avô começou por parecer misteriosamente perigoso, ianque infiltrado em tempos de Guerra Fria e Vietname; depois todos o viram como mero lunático, incapaz de se adaptar ao *habitat*, autista na sua língua de novo mundo. Os amigos da minha mãe trocavam palavras-passe, discos, livros com encadernações falsas debaixo do nariz dele. Quanto a mim, sempre pensei que nos compreendia melhor do que dava a entender. Percebia e não falava, o que somava duas vantagens. Em torno, os militantes das muitas causas pareciam relaxados, ele relaxado parecia, todos coexistiam com bonomia infinita, como se os dias houvessem de correr sempre iguais até ao fim do mundo.

Nada me ajudou a tornar-me íntimo do meu avô: nem as línguas, nem a zanga definitiva da minha mãe. Pequenos inciden-

tes, acho eu, foram cavando o fosso entre ambos. Em dias de aniversário, o meu avô bebia de mais e punha-se a dar ordens a toda a gente. Subia para cima de uma mesa e fazia de nós um pelotão. Em miúdo, eu achava graça e acatava aqueles imperativos que não compreendia. A verdade é que o meu avô, onde quer que entrasse, se comportava como quem conquista um país. Era engraçado. Mas não para a minha mãe, que disparava olhares de reprovação e lhe respondia num inglês ríspido de quem poupa as palavras. A tranquilidade tolerante que o meu avô exibia quando toda a gente falava em português desaparecia nesses momentos de um universo americano que me passava ao lado. Digamos: como se o meu avô fosse duas pessoas diferentes conforme a língua. Empalidecia, aguçava os olhos, sobrepunha uma voz tonitruante à voz da minha mãe, que fumava exasperada, com o cancro a penetrar-lhe os pulmões.

Mas de tudo isto eu pouco entendia. Achava graça ao meu avô, como achava graça aos amigos da minha mãe, que usavam palavras em francês e diziam muito: Mao, Marx, Lenine — porém, cada dia menos. E às vezes ficavam muito tempo calados, a fumar e a olhar para as pessoas na rua, enquanto chovia. Lembro-me de chuvas intermináveis, quartos sempre escuros com grandes móveis de mogno, a minha mãe a tossir. Eu olhava para as flores estampadas no sofá, a água escorria nos vidros das janelas e entre os contornos das flores, parecia que estávamos à espera de alguém, depois a minha mãe apagava o candeeiro de ferro, desligava a televisão e mandava-me para a cama.

Eu gostava do meu avô. E acho que ele gostava de mim. Às vezes levava-me para o pátio de trás, punha-me em cima de um *Volkswagen* estragado e deixava-me lá. Eu tinha medo, mas gostava um bocadinho da vertigem. Para ele, não se tratava de gostar ou não gostar: era um exercício do exército, tinha de se fazer. Era suposto eu descer pelos meus próprios meios. Na verdade, acabava por ser ele a tirar-me de lá. Um

dia fartou-se, foi-se embora. Passei a tarde a chorar em cima do carro. Quando ficou noite, ajoelhei e desci de costas, deixando-me escorregar pela capota, como um caracol em marcha atrás. Cheguei tarde a casa, a minha mãe estava possessa mas o meu avô americano sorria. Eu tinha conseguido descer, desafiando a ferrugem e o tétano! Talvez por isso o meu avô nunca tenha desistido de mim.

A minha mãe enervava-se, resmungava que ninguém fazia nada, que ninguém queria saber, esmagava no cinzeiro uns cigarros atrás dos outros, abanava com fúria os muitos excessos das calças em boca de sino, anos a fio, até ficarem esgachadas e completamente fora de moda. Eu estudava alguma coisa e escondia as revistas pornográficas debaixo da cama. Quanto ao meu avô, viajava de vez em quando para os Estados Unidos e demorava-se lá dois, cinco, nove meses, às vezes mais. Nunca saberei como chegou a Portugal nem por que se foi embora (talvez a zanga da minha mãe?). Quando comecei a aprender inglês, já era tarde para falar com ele. Depois, a minha mãe morreu, mudei-me para um pequeno apartamento, nunca mais soube do meu avô no outro lado do Atlântico. Tornei-me adulto, as pessoas arrumavam os lp's de Janis Joplin, e quando o muro de Berlim caiu com estrondo entrei como ajudante na Conservatória da Rua das Parcas.

Mas, muito antes disso, lembro-me da minha mãe a arrastar uma garrafa de oxigénio e do ódio ao meu avô. Eu pensava: se eu precisar de descer outra vez de um esqueleto de *Volkswagen*, eu consigo! Era o tempo do Indiana Jones e nenhum rapaz adormecia sem dois exercícios de fim de dia: fugir de uma imaginária pedra rolando nas nossas costas e apaziguar as entranhas. Mas a rapariga que tentou ser minha namorada acabou por casar com o meu melhor amigo. E a minha mãe tossia, no fundo do sofá sempre demasiado duro, a ver sem ver o Totobola. Do meu avô não se falava. Aliás já não se falava de nada. Foi assim que entrámos nos anos '90

sem darmos por isso, e percebemos que ninguém nos tinha perguntado se queríamos lá entrar.

Para dizer a verdade, o meu avô americano escreveu-me pelo menos duas vezes, depois da sua última ida para os Estados Unidos. A primeira foi um postal, que encontrei na caixa de correio, um dia, antes de a minha mãe chegar a casa. É provável que o meu avô me tenha escrito mais vezes e a minha mãe fosse destruindo a correspondência. O postal mostrava uma sequóia gigante da Califórnia e tinha sido enviado de uma casa de descanso para militares reformados, junto de um quartel na periferia de San Francisco. Dizia:

Always to the top!

Opkinson

Não sei por que razão o meu avô nunca voltou. Quando foi o 25 de Abril, ele tinha ido a Houston visitar uma base militar; só voltou dois anos depois. Nessa altura a minha mãe andava muito atarefada a escrever para um jornal, quando chegava do trabalho eu já estava a dormir, quando eu acordava ela já tinha saído outra vez. Mas lembro-me de aparecerem amigos para jantar e da minha mãe a assobiar a Internacional. Foi em grande parte responsável pelo saneamento de diversas figuras importantes do jornal; e acabou escorraçada assim que algumas facções voltaram a ganhar poder. Com os amigos, fundou uma escola experimental dirigida aos filhos dos trabalhadores de uma fábrica, mas descobriu com desespero que os pais abastados faziam fila para inscrever os filhos, enquanto os operários levavam os miúdos à catequese.

Anos depois, vi à venda um cartaz comemorativo do 25 de Abril: a criança que planta o cravo na G3. A minha mãe estava mal, a casa andava soturna, o cartaz era barato; comprei-o e coleí-o à parede, para que a minha mãe o visse ao entrar. Mas ela não veio. Telefonaram-me do hospital e eu fui.

O meu avô americano não soube. Quando partiu definitivamente para os Estados Unidos, a minha mãe ainda andava a perceber se tinha cancro ou não. Ele não acompanhou a sua morte lentíssima e a minha mãe, que eu saiba, nunca lhe escreveu a contar. Ninguém falava com ninguém. Eu trabalhava muito e finalmente fiquei encarregado dos Divórcios na Conservatória, quando o Sr. Raimundo, que no fundo nunca se tinha resignado à ideia de que uma mulher se possa separar de um homem, morreu de uma crise aguda de fígado. O meu zelo valeu-me, e fiquei com o cargo, um vencimento melhor, uma secretária junto à janela e um auxiliar, o Cruz; nestes últimos anos, porque tenho trabalhado bem e porque o número de divórcios aumentou, ganhei outro auxiliar, o Carola, que trabalhava nos Nascimentos e Casamentos. Desde então, alimento esperanças de que o serviço de Divórcios uma dia venha a receber uma Menção de Louvor dos Serviços Centrais.

Receio estar a perder o curso dos acontecimentos. Falava do meu avô. Se bem compreendi o fundo das conversas agrestes que ele mantinha com a minha mãe e a tensão quando se tratou de decidir sobre o meu futuro profissional, o meu avô não quis que eu entrasse na Conservatória. Tinha para mim planos mais aguerridos. Mas ainda não contei que sou magro e pequeno. Só meço um metro e sessenta, e não peso mais que sessenta e três quilos. Ao longo da infância tive complicações respiratórias que só por muita sorte não revelaram ser asma. E embora me aplicasse conforme podia e sabia, nunca houve uma disciplina que me tenha arrebatado, como aconteceu a alguns dos meus colegas, barras a matemática, ou a física, ou a línguas. Não me envergonho do meu currículo escolar, mas sei que o meu avô cultivava outras ambições. E se não fosse aquele dia em que desci, contra tudo e contra todos, pela capota do *Volkswagen*, ele certamente teria desistido de mim para sempre.